

EXTENSÃO CONTEMPLATIVA INTERNACIONAL

Oración Centrante Uno 2025

Semana 30

O PERDÃO (final)

Hoje concluímos o curso sobre o perdão. Certamente, não significa encerrar nossa prática. Pelo contrário, esperamos que o tenhamos lido, praticado e orado durante este período seja simplesmente uma semente que continuará germinando ao longo da vida, já que o exercício de perdoar nos acompanhará sempre, enquanto estivermos neste mundo.

Vamos nos despedir com umas palavras finais do Padre Thomas Keating a respeito da verdadeira paz e agradecemos a Mary Mrozowski, na Comunhão dos Santos, por nos ter dado este legado que é a Oração do Perdão, que tanto nos ajuda e continuará nos ajudando ao longo do caminho.

A paz de Jesus.

Homilia do Padre Thomas Keating no Monastério de São Bento, Snowmass, Colorado, sobre Lucas 12, 49-53

Agosto 19, 2001

Jesus disse a seus discípulos: "Eu vim lançar fogo à terra, e que tenho eu a desejar se ele já está aceso? Mas devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que ele se cumpra! Julgais que vim trazer paz à terra? Não, digo-vos, mas separação. Pois de ora em diante haverá numa mesma casa cinco pessoas divididas, três contra duas, e duas contra três; estarão divididos: o pai contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra."

TK: Temos aqui uma destas perguntas indagadoras, que encontramos em quase todas as páginas que falam do ensinamento de Jesus. Em primeiro lugar, esta extraordinária pergunta é respondida de modo muito enfático por Jesus mesmo: "*Julgais que vim trazer paz à terra?*" E responde que não, com grande força. Mas, então, como entender todas as suas outras palavras de sabedoria, tais como "Deixo-lhes minha paz, dou-lhes minha paz, não como o mundo a dá. Bem-aventurados os que trabalham pela paz?" De modo que nos encontramos aqui diante de um conflito entre duas afirmações ou implicações aparentemente irreconciliáveis. É a paz algo que Jesus traz ou não? E ele afirma as duas possibilidades. Obviamente, seu propósito aqui é responder a um aspecto muito profundo da natureza humana e de sua manifestação do Reino de Deus.

Paz, sim, mas não qualquer paz. Talvez a distinção inicial que pode nos ajudar a compreender isto esteja na diferença entre "os amantes da paz" e "os que trabalham pela paz. É somente aos últimos, ou seja, aos pacificadores que Jesus felicita. Na bem-aventurança, "Felizes os que promovem a paz," são eles reconhecidos em um nível elevado de participação nos valores do Reino. Mas os "amantes da paz", fundamentalmente, gostam que as coisas permaneçam como são tanto no lar como na comunidade local, na nação ou na religião. Não querem que ninguém

agite as águas, fazendo perguntas inapropriadas ou chamando a atenção para coisas que precisam verdadeiramente melhorar ou, inclusive, apontando situações injustas.

Os que trabalham pela paz são as vozes dos que não têm voz. São os que não têm medo de enfrentar a verdade. Não são pessoas que se alteram por qualquer coisa, mas quando se trata de um assunto importante, expressam a sua voz. Denunciam. Aos amantes da paz, estes querem que tudo fique como está, por medo de perder o tipo de paz que erroneamente confundem com a verdadeira paz que Jesus nos traz.

Uns pequenos esclarecimentos de pano de fundo para captarmos a importância e a profundidade que tem isto para cada um de nós: Todo mundo que está oprimido ou sofre injustiça e privação tende a construir um mito. Esta é a natureza do ser humano. O mito afirma uma esperança, por mais efêmera que realmente seja. Na época de Jesus, o mito favorito dos israelitas era o estabelecimento do Reino de Deus por um Messias que, por meio da força, libertaria o povo da opressão da várias gerações da ocupação romana, que asfixiava suas aspirações sociais e costumes religiosos. Cada um de nós sofre de um certo modo de frustração, em razão das circunstâncias da condição humana. Quanto mais intensa é a opressão, maior é a frustração.

O povo judeu da época de Jesus tinha dois grandes símbolos que manifestavam ou tornavam concretas suas esperanças. Ambos eram mitos. Um era o do grande banquete, uma celebração em cima da montanha, cujo objetivo seria expressar o regozijo causado pelo triunfo vingativo infligido a todos os inimigos políticos. O banquete também era símbolo da abundância que Deus outorgaria a seu povo triunfante, depois de várias gerações de frustrações e de miséria.

O outro eram os cedros do Líbano, que crescem nessa região. Pelo menos por essa época, os cedros alcançavam uma altura de duzentos ou trezentos pés, como aqui as sequoias do nordeste. Este simbolizava a superioridade de Israel sobre todas as nações, o que conduziria a um reino teocrático, que alcançaria a paz mediante a submissão ao mandato teocrático do Deus de Israel, que ia se convertendo no Deus de todas as nações mediante os profetas. Essa ideia do Reino de Deus não era a de Jesus. Seu conhecimento e experiência do Deus do universo como um Pai amoroso era totalmente diferente. Isso o levou a um conflito enorme e intenso com as autoridades da época e com a mentalidade popular, saturada desta imagem de êxito, triunfo vingativo e libertação de todos os padecimentos da vida cotidiana causados pela ocupação romana.

Estas pessoas não iam renunciar a este mito facilmente. Alguns dos discípulos, provavelmente Judas, estavam afiançados neste mito. Quando ele (Judas) viu que *sua* ideia do Reino não ia acontecer, ele caiu em um terrível desespero, ódio, ira e alienação. Estas são as consequências da frustração de um mito com o qual vivemos, às vezes para nos permitir sobreviver. De modo que, quando Jesus disse: *“Você acha que vim trazer sua ideia de paz a este mundo? Não, ao contrário, eu vim estremecer o seu conceito do que são a felicidade e a paz. Eu vim para quebrar os símbolos que você acha que são importantes para alcançar seu mito”*.

Isto não caiu bem e nem mesmo para os discípulos. E não cai bem para nós também, uma vez que, no fundamento do Evangelho que proclamamos hoje, essa mesma pergunta nos é feita. Jesus

fala de sua angústia em estabelecer a verdadeira noção de paz. Jesus fala de sua angústia para estabelecer a verdadeira noção de paz. Quer vê-la arder. Deseja que se extinga este outro mito, que somente produz pecado e tragédia. Quando as frustrações e a opressão pioram e nosso mito não tem já o poder de nos sustentar, vem então uma dor intensa, uma angústia e alienação que podem ser tão dolorosas que as projetamos nos outros, odiando e criticando-os, até que, finalmente, caímos na alienação. De fato, este é o caminho do inferno, entendido no sentido figurado como o estado psicológico de máxima solidão, alienação, desolação, desespero e sofrimento humano. A maior parte das pessoas são incapazes de enfrentar a dor dessa perda. É muito mais fácil aplicá-la aos que estão fora de nós, coisa que inicia o mecanismo de ódio aos demais. Trata-se, realmente, de um ódio a nós mesmos, que se converte em facções com os quais destruímos os outros, como um modo de nos distanciar de nossa própria dor, que é inexpressável e impossível de encarar. É o inferno.

Portanto, os mitos que sustentam este processo de degradação e deterioração humana não são, obviamente, a paz que Jesus trouxe. Ao contrário, ele nos faz o tipo de pergunta que nos convida, delicadamente, a começar, aqui e agora, a dismantelar o mito no qual vivemos. Enfrentar os nossos próprios mitos é uma tarefa enorme e não acontece facilmente. Portanto, requer o exercício divino da divisão. Jesus disse: “Eu vim para trazer divisão.” É a divisão que Deus introduz em nossas vidas a que demonstra a falta de substância de nosso mito. Este é o propósito da pergunta: “Você acredita que eu vim para estabelecer o que você acredita que seja a paz? Não, mas para proporcionar o tipo de divisão, nas circunstâncias da vida cotidiana, que, pouco a pouco ou talvez subitamente e com grande urgência, vai fazer com que você enfrente a superficialidade de suas ideias sobre a paz.”

Quais podem ser algumas das nossas ideias a respeito da paz? Várias vêm à mente: boa reputação, bom ingresso, bons investimentos, bom divertimento, boa aceitação por parte de nossos familiares e amigos, êxito nos negócios, na profissão ou no ministério... Estas não são fontes de paz! A posse moderada de todas estas coisas, que são valores reais e, até certo ponto, necessários, são úteis. Mas na medida em que a vida se torna mais difícil, é possível que nos agarremos a esses mitos com a mesma tenacidade com a qual as pessoas da época de Jesus se agarravam ao seu mito do Reino. O Reino não é êxito no mundo. “Meu Reino não é deste mundo,” e estes valores que enumerei, embora tenham certa importância, não são os valores máximos para poder viver e sustentar nossas atividades.

A destruição de nossos mitos é o que está implícito na frase: *“Eu vim lançar fogo à terra, e que tenho eu a desejar se ele já está aceso? Mas devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que ele se cumpra!”* Estas palavras provêm de alguém capaz de perceber, no nível mais profundo, o verdadeiro valor – que não é um mito – mas o amor de Deus, tratando de nos libertar do falso deus criado por nossos mitos. A consequência dessa frustração é o que conhecemos como pecado. O pecado é o que manifesta a dor exteriormente e, em sua precipitação por tratar de escapar desta dor, é capaz de pisotear nos direitos e nas necessidades dos outros e inclusive no nosso próprio bem.

O que acontece quando nos sentamos com a dor e damos a cara ao fracasso de nossos mitos, assim como ao nosso próprio fracasso moral de ser incapazes, às vezes, de enfrentar às circunstâncias da vida com justiça, verdade e caridade? Acontece, então, um conflito insuportável com o lado escuro de nós mesmos no nível mais profundo. Este lado escuro é capaz de atacar e destruir aos demais para tratar de nos distanciar da dor. É neste momento e que nossos mitos se frustram, que somos capazes de compreender quem é Jesus Cristo e o que significa sua redenção, o que significa a salvação. Quer dizer, Deus se une a nós neste momento de total impotência diante da dor: a dor de perder todos os símbolos que acreditávamos que nos trariam a paz.

O presente que recebemos de Deus é que a presença de d'Ele atrai para si mesmo, absorve, por assim dizer – pelo menos na pessoa de Jesus Cristo e sua paixão, morte e ressurreição – esta angústia e alienação, este inferno construído por nós mesmos que, quando deixamos de projetá-lo nos outros, não nos resta mais remédio do que enfrentar em nós mesmos. Ao fazê-lo, neste enfrentamento, encontramos a paz que supera todo entendimento, a paz que o mundo não pode dar por meio de todas as suas promessas de deliciosas mitologias. É o mundo que realmente é. É o mundo da infinita misericórdia de Deus. É o mundo em que o poder de Deus está totalmente a serviço da infinita misericórdia divina, em que Deus assume a angústia, a desolação e solidão nas quais o inferno mesmo é um símbolo. Esta é a paz que o mundo não pode dar e esta é a paz, puro dom, que encontramos quando nos desprendemos de nossos apegos ou da dependência excessiva de todos os métodos que pensávamos que trariam a paz, ou seja, a paz oferecida pelo mundo, mas não a paz pela qual Jesus veio e morreu.

Em uma prisão, não faz muito tempo, um grupo de cristãos voluntários pregava aos presos, quando alguém perguntou: “O que é a espiritualidade?” Os detentos e os empregados do cárcere responderam com várias respostas. Como não estavam chegando a nenhuma conclusão, um homem, na última fila, condenado à prisão perpétua, interveio: “Querem de verdade saber o que é a espiritualidade?” Todos responderam: “Sim, por favor, diga-nos”. O homem prosseguiu: “A espiritualidade acontece ou é possível, quando você esteve no inferno e retornou de volta.”

Para as pessoas que entendem inglês, aqui oferecemos este link com a homilia original com o Padre Thomas mesmo. Vale a pena:

<https://www.dropbox.com/s/lpp30extw72txdr/TK%20Homily%20on%20peace%20Luke%2012%2049-53.mp3?dl=0>

As mosqueteiras agradecem a sua fidelidade e compromisso e convidamos a todos a praticar, praticar, praticar e a refletir:

- Você já começou a perdoar aquela determinada pessoa ou instituição que te fez tanto mal e cuja recordação traz dor e ressentimento?
- Tenho podido pedir perdão por ações que possam ter afetado outras pessoas?

- Quais mecanismos de rivalidade permanecem ainda em mim: na família, no trabalho, em meu ministério? Praticar a Oração do Perdão para consentir que continue exercendo sua função curadora.
- Sou ou tenho sido um simples amante da paz ou um agente de paz no meu meio social?
- O principal e inevitável para poder começar a trabalhar pela paz é aprender a perdoar e a compartilhar, como colaboradores, nossa vida e nossa ação. Qualquer disposição possessiva e não inclusiva se converte em obstáculo para a paz.
- O que você quer; ter razão ou ser livre?

Muitas bênçãos e feliz caminho...



Mary Mrozowski



Thomas Keating